

AS MARIAS DO CARMO: memórias de três gerações de mulheres no sertão baiano

Firmiane Venâncio do Carmo Souza *

Resumo

A transmissão oral e muitas vezes precária das histórias familiares, com o passar do tempo, as faz se tornar uma espécie de lenda que desperta a curiosidade de alguma geração posterior que se interessa por reconstruí-las. No meu caso, não foi diferente. Ouvir relatos de heroísmo de mulheres que me antecederam em duas, três gerações pode, inclusive, explicar parte do meu interesse acerca do protagonismo das mulheres, ainda que improvável nos fragmentos de tempo e espaço reproduzidos nas próximas páginas. As três Marias do Carmo a que me referi no título são, por ordem de precedência temporal: Docelina Maria do Carmo, minha bisavó, Solidade Maria do Carmo, minha avó e Lucília Maria do Carmo, minha mãe. Os fatos que compuseram meu imaginário e memória sobre duas delas, a convivência curta com Solidade e felizmente mais extensa com Lucília, chamam atenção por refletirem reações às contingências que seus contextos sociais lhes impuseram.

Palavras-chave: transmissão oral, histórias de família, gerações de mulheres.

Abstract

The oral and often precarious transmission of family histories, over time, makes them become a kind of legend that arouses the curiosity of some later generation that is interested in reconstructing them. In my case, it was no different. Hearing stories of heroism from women who preceded me in two, three generations may even explain part of my interest in the role of women, although unlikely in the fragments of time and space reproduced on the next pages. The three Marias do Carmo to which I referred in the title are, in order of temporal precedence: Docelina Maria do Carmo, my great-grandmother, Solidade Maria do Carmo, my grandmother and Lucília Maria do Carmo, my mother. The facts that made up my imagination and memory about two of them, the short experience with Solidade and fortunately more extensive with Lucília, call attention for reflecting reactions to the contingencies that their social contexts imposed on them.

Keywords: oral transmission, family histories, generations of women.

* Defensora Pública no Estado da Bahia, Bacharel em Direito, Mestra e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero E Feminismo - PPGNEIM/UFBA.

I – Introdução

“O trabalho de resgate da história de cada um parte de pequenos fragmentos de tempo”¹.

A transmissão oral e muitas vezes precária das histórias familiares, com o passar do tempo, as faz se tornar uma espécie de lenda que desperta a curiosidade de alguma geração posterior que se interessa por reconstruí-las. No meu caso, não foi diferente. Ouvir relatos de heroísmo de mulheres que me antecederam em duas, três gerações pode, inclusive, explicar parte do meu interesse acerca do protagonismo das mulheres, ainda que improvável nos fragmentos de tempo e espaço reproduzidos nas próximas páginas.

As três Marias do Carmo a que me referi no título são, por ordem de precedência temporal: Docelina Maria do Carmo, minha bisavó, Solidade Maria do Carmo, minha avó e Lucília Maria do Carmo, minha mãe. Os fatos que compuseram meu imaginário e memória sobre duas delas, a convivência curta com Solidade e felizmente mais extensa com Lucília, chamam atenção por refletirem reações às contingências que seus contextos sociais lhes impuseram.

A entrevista que norteia o presente trabalho apresenta ainda a curiosidade de ter sido construída também de forma inter geracional e demonstra “a importância do grupo familiar como referência fundamental para reconstrução do passado” (BARROS, 1989, p.5). A distância física de Lucília, a Maria do Carmo presente entre nós, teve a colaboração de Ana Carolina, sua única neta e que, ao fazer a gravação das perguntas que enviei e ouvir as respostas de minha mãe, tornou-se mais uma a compor o fluxo de transmissão oral das histórias da família.

Como dito anteriormente, o resgate das histórias dessas mulheres tem como fonte as memórias e narrativas de Lucília, hoje com 66 anos de idade, responsável, em nosso núcleo familiar, por ser aquela que detém as lembranças ou a que sabe quem pode lhe afiançar a memória.

Certamente, se nossa impressão se apoiar não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (HALBWACHS, 1990, p. 16). Nesse sentido, recolhi alguns registros acerca da formação do povo da região em que minha família se estabeleceu e que explica desde a origem étnica, até a miscigenação por nós vivenciada, nomes e comportamentos sociais.

No entanto, o eixo central desse trabalho se desenvolve a partir de três fatos localizados em tempo e espaço diversos. O primeiro deles, envolvendo Docelina e Virgulino Ferreira, o Lampião, nos idos de 1932. O segundo protagonizado por Solidade, cerca de 25 anos depois, quando se viu ao relento com seis filhos, enquanto a pensão que construía e onde residia, era consumida pelas chamas de um incêndio. E por fim, a experiência de envelhecer narrada por Lucília nos dias de hoje.

Em razão mesmo disso, inevitável investigar como as categorias de gênero, classe, etnia e geração atuaram nas relações sociais travadas por essas três mulheres, além de reafirmar como a validação pelos estudos feministas acerca da utilização de fontes orais baseadas nas memórias e narrativas de mulheres, permite-nos analisar o comportamento dos sujeitos, sobretudo na construção sociocultural do sertão nordestino.

II – As histórias

IIa. O encontro entre Docelina e Lampião

Quando Lampião passou por aqui, a maioria das pessoas se escondeu com medo, minha avó Docelina era uma mulher guerreira, forte, descendente de índio e ela o acolheu em casa e ele lhe deu até alguma coisa pra comer dos alimentos que ele carregava, ele deu uma parte a ela².

No ano de 1932, o município de Sento Sé, localizado ao norte da Bahia, na margem direita do lago de Sobradinho, foi alvo da passagem do bando cangaceiro de Virgulino Ferreira, o Lampião, que espalhou pavor pela região³.

¹ Trecho extraído de Memória e Família de Myriam Moraes Lins de Barros (1989, p. 13).

² Entrevista com Lucília Maria do Carmo Souza em 12/10/2017.

³ História de Sento Sé em <http://www.sentoseagora.com.br/p/historia-de-sento-se.html>, visualizado em 14 de outubro de 2017.

Na época, Docelina Maria do Carmo vivia no interior do município, num povoado chamado Cabeluda, por onde o bando passou e, segundo foi sendo transmitido de filhas para netas e bisnetas, chamou atenção o fato de não se intimidar com a chegada de Lampião. Ao contrário de muita gente que abandonou suas casas e se lançou no meio do mato, Docelina “ficou em casa com as portas abertas, Lampião então a presenteou com toucinho que era um grande alimento daquela época” (SOUZA, 2017). A entrevistada finaliza essa memória de sua avó, dizendo que sua bisavó, mãe de Docelina, foi “achada a dente de cão”, porque era índia e vivia nas matas. Quando questionada sobre o que é ser “achada a dente de cão”, a narradora diz que algo como braba, índia do mato que tinha medo da cidade dos brancos.

Docelina Maria do Carmo é, não apenas pelo nome, reflexo da miscigenação imposta de raças, visto que os portugueses chegaram à região em 1543 com povoadores liderados por Garcia D’Ávila e passaram a se relacionar com a tribo indígena local, denominada Centonce (origem do nome da cidade Sento Sé). De personalidade forte, Docelina cuidou até um ano de idade da neta Lucília, após o que a deixou aos cuidados de familiares para ir ao encontro da filha Solidade buscar sustento da família no garimpo de ametista, cristal de rocha e citrino, atividade característica da região.

Os relatos dão conta de um aspecto cultural importante no desenvolvimento de atividades de extração de minérios na região dos municípios de Sento Sé, Pindobaçu e Campo Formoso, este último onde nasci. Nos garimpos, os homens desenvolvem as atividades tidas como mais arriscadas, descem em buracos nos chamados cortes⁴, escavados centenas de metros no subsolo para extração de pedras semipreciosas como a ametista, ou preciosas como a esmeralda, enquanto as mulheres ficam na superfície, na lavagem das impurezas e vez em quando, dão a sorte de amealhar algum material rentável nos cascalhos.

A divisão de tarefas sofre assim as interferências do gênero, pois se é verdade que os homens

desempenhavam as atividades mais arriscadas, verdade também é que são eles que se tornam, do dia para noite, milionários ao encontrarem os paredões preciosos por baixo da terra, enquanto às mulheres são reservadas as migalhas do que sobra na superfície.

Cresci ouvindo as histórias de garimpos, vivi num deles até meus dois anos de idade, num povoado chamado Carnaíba. Conheci pessoas que de um dia para noite de pobres viravam ricos e pouco tempo depois retornavam à pobreza, porque esbanjavam o que haviam ganhado com bebidas, festas e os homens, com muitas mulheres. Brinquei, sem ter qualquer noção de onde pisava, em depósitos de ametistas a quase meio metro de altura, mas até os meus quarenta e três anos recém completados, não conhecia história de mulheres que tivessem desafiado a lógica da divisão social gendrada do trabalho e riqueza no garimpo, até que ao entrevistar Lucília sobre o incêndio ocorrido na pensão de minha avó Solidade Maria do Carmo, descobri que esta conseguiu se reerguer pouquíssimo tempo depois, porque descobriram pedra em seu corte.

Este fato é narrado pela entrevistada quase como um milagre, no entanto, o que chama atenção é o não percebido por minha mãe, já que desconhece a existência, e por isso mesmo não utiliza as lentes de gênero que tornam essa memória extremamente relevante do ponto de vista da quebra paradigmática que uma mulher provocou naquela época, num ambiente absolutamente masculinizado e hostil do ponto de vista das relações para as mulheres, pois envolvia sérias disputas pelas posses dos terrenos de onde os minérios eram extraídos e poder de liderança sobre os homens escavadores.

Há silêncios eloquentes ao longo do resgate dessas memórias, pois não há por parte da narradora qualquer inferência à existência de uma figura paterna. A dela sei que não aparecerá, pois não chegou a conhecer o pai em vida, fruto que foi de um relacionamento transitório e socialmente não aprovado de minha avó com um rapaz negro, de quem descobri pelo único registro fotográfico existente, ter herdado enorme semelhança física.

⁴ Cortes são terrenos de que os garimpeiros irregularmente se apossam, visto que a diversidade mineral é propriedade da União Federal e somente esta pode autorizar a extração.

IIb. Solidade Maria do Carmo e a ressurreição que vem das chamas

O incêndio ocorreu numa quinta-feira santa, a gente estava rezando na casa de uma senhora amiga e ninguém sabe como começou, só sabemos que alguém saiu na porta da casa da reza e disse: incêndio! Quando olhamos pra frente nossa casa estava em chamas e um senhor simplesmente salvou minha irmã, um papagaio e uma máquina de costura e no outro dia minha mãe acordou com seis filhos e cinco cruzeiros. Tivemos um grande amigo que nos acolheu na casa dele, nos deu tudo que a gente precisava e com oito dias, um serviço que se chama corte, pra tirar minério de ametista começou a dar pedra e aí nós compramos um terreno e construímos nossa casa, erguemos nossa nova morada. E graças a Deus a vida seguiu... Lembrei que ela tinha uma casa em Campo Formoso e vendeu logo depois do incêndio pra manter o serviço do garimpo que logo produziu. Dormimos pobres e acordamos ricos em poucos dias após o incêndio (SOUZA, 2017).

O evento narrado ocorreu há cerca de 60 anos, na pensão que minha avó Solidade Maria do Carmo mantinha no garimpo de ametista, na Cabeluda, povoado do município de Sento Sé.

A descrição da tragédia que atingiu a família liderada por Solidade, é permeada de detalhes que certamente não foram percebidos pela narradora no momento, haja vista que contava à época com 6 anos de idade e se confrontava com um trauma. Trata-se daquilo que Halbwachs referiu como a lembrança apoiada na do outro e, portanto, reveladora de uma memória coletiva construída a partir das observações e comportamentos transmitidos por outras pessoas, somados à experiência da fatalidade vivida pela narradora.

Assim, as memórias que afloram na narrativa oral são compreendidas como redes a expressar vivências, ressignificar trajetórias, evidenciar histórias anônimas e anunciar experiências compartilhadas (SOUZA, 2013, p. 56).

É possível perceber que a recordação da entrevistada sofre a tentação de atribuir centralismo ao resgate de sua irmã, do papagaio e de uma máquina de costura, assim como ao acolhimento do vizinho, alimentando o ideário de heroísmo masculino que salva do sofrimento maior uma mulher e seus seis filhos menores.

No entanto, logo na sequência surge o fato surpreendente do empreendedorismo de uma mulher, no final dos anos de 1950, num garimpo localizado no

sertão baiano de vender o que lhe restava para investir numa atividade predominantemente exercida por homens. Solidade Maria do Carmo protagonizou certamente mais pelo instinto de sobrevivência sua e de seus descendentes, a experiência do exercício do poder consubstanciado em dirigir os destinos de sua família e decidir desenvolver-se profissionalmente numa atividade extrativa comandada por homens. Em pouco tempo, Solidade viveu a dor de perder quase tudo e ressurgiu das cinzas com a descoberta das ametistas encrustadas no subsolo árido do sertão.

Há, por certo, outras questões que a memória se encarrega de secundarizar por motivos que desconhecemos, não se detalha na narração de quem eram os vizinhos, como se deu o processo de aquisição por Solidade do serviço chamado corte, muito menos como se esvaiu toda a riqueza amealhada com as ametistas, já que minha avó morreu aos 62 anos, sustentada pelos filhos.

No entanto, existe algo que sempre esteve presente na minha memória que eram histórias contadas por garimpeiros acerca do empreendedorismo de minha avó Solidade, assim como a disposição para o trabalho e a solidariedade de abrigar em sua pensão antes do incêndio, pessoas que não podiam pagar. Talvez isso explique em parte, as lacunas que a memória de Lucília não revelou.

II.c. Lucília Maria do Carmo, a guardiã das memórias que envelhece

Abrahão (2003) tratando sobre o tema da reconstrutividade memorial observa que “uma segunda expressão da memória seletiva ocorria quando o narrador intencionalmente selecionava a informação, ou para não lembrar fatos desagradáveis, muitos dos quais chegavam a lhe recordar situações de intenso sofrimento” (ABRAHÃO, 2003, p. 89).

Não é fácil guardar as memórias, muito menos transmiti-las. Diria até que não é tão fácil registrá-las, como tento fazer agora, mas compreendo essa tarefa no sentido trazido por Perrot (2007), de, como feminista, lutar contra a dispersão e o esquecimento das histórias das mulheres (PERROT, 2007, p. 30).

Lucília Maria do Carmo é a quarta filha dos seis filhos de Solidade que sobreviveram ao incêndio da pensão.

Formou-se professora, profissão que desempenhou até aposentar-se e com a qual, aliada a outras tantas atividades, levou junto com seu companheiro de jornada, Firmo Venâncio, suas quatro filhas mulheres a galgarem o ensino universitário. Feito de que não apenas a família, mas toda a comunidade onde vivem, expressam admiração.

Entre seus desafios atuais está o de formar também a neta, Ana Carolina, de quem cuida desde os dois anos de idade. Enquanto isso, reflete sobre o que é envelhecer, depois de recordar os feitos de suas antecessoras Docelina e Solidade, a narradora fala então sobre si.

Envelhecer quando se realiza o sonho da gente é muito bom, quando a gente consegue formar os filhos, quando a gente consegue ver os filhos num patamar estável e quando a gente tem saúde, é muito bom até. Viver no seio da família, ajudando a criar os netos e vivendo uma vida de interior, uma vida moderada, fazendo geralmente o que quer, pois já não temos tanto empecilho e as limitações também já nos ajudam a ter uma vida mais calma, mais tranquila. O interior é um lugar onde as pessoas se sentem bem na longevidade, porque abre a porta e encontra um vizinho, um amigo, um serve ao outro quando necessita. É muito bom viver em paz com a vizinhança e no lugar da gente, onde a gente conhece todo mundo, todas as pessoas que vivem ao nosso redor. A tranquilidade é grande pra ir à rua, todo mundo nos conhece e vivemos uma vida tranquila, porque na cidade grande pra gente idoso é muito violento. Já não temos tanta vontade de andar assim em lugares grandes, a não ser que seja num passeio, uma excursão, do contrário é melhor vivermos em casa mesmo, no nosso convívio, nosso habitat natural, onde nascemos, crescemos e conhecemos todas as pessoas (SOUZA, 2017).

É interessante perceber que há por parte da narradora uma assimilação do discurso trazido pelos Programas para a Terceira Idade que se proliferaram no Brasil na década de 1990 baseado numa celebração do processo de envelhecimento considerado, então, como um momento privilegiado na vida em que a realização pessoal, a satisfação e o prazer encontram o seu auge e soam vividos de maneira mais madura e profícua (DEBERT, 1994, p. 36).

E o bom da gente viver no interior é que, às vezes reunimos as amigas aqui em casa, a gente faz um lanche, ou alguém traz, colabora, a gente joga uma biribinha até meia-noite, uma hora da manhã, depois os esposos vêm pegar as pessoas e assim a gente se diverte. Um café que a gente toma junto com os amigos, às vezes eu costumo convidar umas amigas mais chegadas e assim a vida segue. Gosto de dançar, quando tem festa, me divirto, se tiver uma excursão, até jogo bola, futebol, vôlei, gosto muito do baleado que a gente chamava antigamente. O nome é boleado, mas a gente

chamava aqui baleado. Joguei muito na mocidade e quando dá certo ainda jogo. E na roça, quando, agora a gente passa muita temporada na roça, eu me divirto bastante com o pessoal de lá. Cada um com sua simplicidade, sua humildade, mas é muito bom, muito boa a vida daqui pra roça. Eu acho que estamos envelhecendo tendo uma vida mais ou menos boa (SOUZA, 2017).

A narrativa possui uma relação direta com o tempo e espaço. Esses dois aspectos surgem de forma muito expressiva na avaliação do processo de envelhecimento trazido pela entrevistada e refletem como o estilo de vida mais pacato e simples do interior e da roça, trazem uma maior qualidade do viver, por se constituir num ideário de segurança que as amizades e a vizinhança fornecem em termos de aproximação e convívio, diferente do que a narradora parece ter experienciado na cidade grande.

Ainda na perspectiva do que foi a vida inteira da narradora, seguir na batalha para ver a neta ingressar na universidade torna-se a manutenção de um certo sentido para a vida. Sentir-se útil e produtiva passa, portanto, por contribuir para a formação da neta, assim como fez anteriormente com as filhas.

É curioso, no entanto, que embora essa contribuição seja em alguns momentos financeira, em grande parte do tempo se concretiza nas atividades relacionadas ao cuidado (organizar a alimentação, as roupas, a mudança da neta para estudar numa cidade maior), à presença constante, enquanto que para seu esposo, Firmo, esse processo se configura em demonstrar que ainda é capaz de financiar os estudos da neta com o fruto de seu trabalho na roça, fazendo questão de ressaltar que cuida sozinho da propriedade e das criações com o que, de fato, vem suportando as despesas relacionadas a aluguel e estudos da neta.

Essas inferências que faço, como pesquisadora tão próxima do objeto pesquisado nesse trabalho, refletem como a terceira geração das Marias do Carmo, ainda vive sob um formato gendrado de envelhecimento, sobretudo como desenvolve as sociabilidades e o quanto é crucial mostrar como o gênero opera nas narrativas (KOFES; PISCITELLI, 1997, p.352). Os temas que povoam o discurso de Lucília sobre envelhecer são a missão de formar a neta, dançar, jogar biriba com as amigas, praticar esportes, viajar em excursão. Por outro

lado, os temas preferenciais de Firmo são a mesma missão de Lucília e mais o labor na roça e a política⁵.

As responsabilidades dos idosos no contexto familiar, especialmente em se tratando de família de baixa, média renda, permanecem muito frequentes na sociedade brasileira e nordestina. Não é diferente com a família da narradora.

Interessante observar ainda que a memória é construída e dependente do espaço de onde se narra as lembranças (BARROS, 2011, p.11), pois apesar de a entrevistada somente listar as coisas boas do envelhecer, ao final refere no plural, e aí compreendo incluir o esposo nessa avaliação, que estão envelhecendo “tendo uma vida mais ou menos boa”. A provável justificativa para a omissão dos aspectos ruins está em não querer levantar o problema para quem intermediou o processo de gravação da entrevista, a neta, ou a quem ela se destinou, a filha mais velha por quem nutre declarada admiração e empatia.

III – Por que precisamos contar nossa história

“Extremos inertes cada um por si, poder e palavra não subsistem senão um no outro, cada um deles é substância do outro e a permanência do par, se parece transcender a História”⁶

A história da humanidade é permeada de grandes feitos protagonizados por homens que, não por outro motivo, constituíram-se em espelhos, modularam comportamentos que subsumiram à figura masculina os atributos da coragem, do sucesso, do desbravamento e conquista dos espaços públicos.

Se fizemos um recorte para o ensino da história do Brasil e da Bahia, por exemplo, é perceptível o quanto foram ocultadas ou secundarizadas a participação de mulheres como Maria Filipa, Maria Quitéria, Joana Angélica, no movimento pela independência da Bahia em 1823, ou ainda a história de Luiza Mahin, que nas primeiras décadas do século XIX articulou revoltas de escravos na luta antiescravagista.

No entanto, se em alguma medida a importância dessas mulheres chegou ao conhecimento de muitos, é que a história delas ganhou o espaço público. Contadas e recontadas que foram, suas memórias culminaram com

o registro de um discurso que ganhou a posteridade. A partir disso, é possível assimilar que luta, força, coragem e liderança são parte da história das mulheres também. Poder e palavra, de fato, são faces de uma mesma moeda.

Não por outro motivo, ir ao encontro das memórias de Lucília e através delas reconstruir a história de mulheres que viveram no sertão baiano nos anos de 1930 e 1950, permite-nos acessar o conhecimento sobre a contribuição das mulheres na formação da nossa gente, no desenvolvimento da atividade econômica de extração de minérios no Brasil, como se constituíram as relações sociais num ambiente de privações como a seca que assolou a Bahia em 1930, que tornou toucinho de porco um item nobre e, ainda, a gangorra financeira de quem viveu dos recursos minerais irregularmente retirados do subsolo que pertence a todos os brasileiros.

Tedeschi (2009) afirma que “enquanto narrativa, a história constitui-se como tradição e cânone do qual as mulheres não participaram de modo visível pelos caminhos tradicionais do fazer histórico” (Tedeschi, 2009, p. 181).

Através da História Oral e de sua relação com os estudos de gênero, descobre-se um processo de socialização de uma visão do passado, presente e futuro que as mulheres desenvolvem de forma consciente/inconsciente. Entretanto, a aquisição da capacidade de falar, de expor suas ideias e sentimentos é elemento determinante dessa historicidade. Uma historicidade de luta, resistência, consentimentos, violências que, evidentemente, tem suas marcas de conformismo e reprodução nas relações de gênero (TEDESCHI, 2009, p. 181).

O fato é que “se deixamos de lado as preocupações positivistas dos trabalhos de história oral interessados em desvendar o que ‘verdadeiramente’ aconteceu no passado, é possível perceber a riqueza oferecida pelas memórias” (KOFÉ; PISCITELLI, 1997, p.346). E essa compreensão é um dos legados da epistemologia feminista que vislumbra nos relatos da trajetória de sujeitos subalternizados uma importante fonte para explicar como se estruturam as diversas relações sociais

⁵ Informações que trago na condição de quem escreve e ao mesmo tempo traz à tona suas próprias memórias.

⁶ Trecho extraído de A sociedade contra o Estado de Pierre Clastres, 1979, p. 149.

e os impactos que as categorias analíticas⁷, sobretudo aquelas relacionadas a raça, gênero, geração, classe, etnia produzem na construção desses mesmos sujeitos.

A ausência de figuras masculinas como companheiros de Docelina e Solidade lhes impôs um modelo de comportamento diferente do padrão admitido para a época. O destemor da primeira e o empreendedorismo da segunda, certamente influenciaram as gerações seguintes. É presença constante no discurso da entrevistada, a importância que atribui à formação educacional das filhas e também da neta, assim como o alcance de independência financeira e estabilidade profissional que curiosamente conduziu as escolhas de três das quatro filhas, a ingressar no serviço público mediante concurso, tentativa que a outra filha ainda divide com os afazeres de empreendedora autônoma.

Nesse sentido, as memórias de Lucília revelam um caminho diverso na separação dos papéis sociais atribuídos historicamente a homens e mulheres, pois ao mesmo tempo trazem à tona aspectos relacionados a vivências familiares e, portanto, de cunho mais privado, mas valoram as atitudes/comportamentos das mulheres que desafiam a lógica binária dos papéis masculinos e femininos.

Portanto, se o discurso é a um só tempo instrumento e efeito de poder, a sua apropriação pelas mulheres que vivenciam, como aquelas cujas histórias foram aqui lembradas, múltiplas vulnerabilidades, configura-se numa estratégia eficaz para pluralizar as narrativas e denunciar as persistentes desigualdades de acesso que a mulher nordestina ainda experimenta nesse país.

O relato sobre o processo de envelhecimento que a entrevistada vivencia é revelador do quanto os programas voltados para a terceira idade inaugurados no Brasil nos anos de 1990 não chegaram de forma igual para todas as mulheres, residam elas nas grandes cidades ou no interior.

A descrição das atividades de sociabilidade desenvolvidas pela narradora demonstra que as iniciativas são postas em prática pelos grupos de

amigos, ou de vizinhos, mas nenhuma proposta aventa a existência de uma política social direcionada a esse público no sertão nordestino que reconheça a pessoa idosa como sujeito de direitos.

Na base social e histórica da experiência dos velhos dessa geração está presente a renegociação da condição do aposentado na sociedade brasileira contemporânea, contexto de mudanças marcado por alguns processos. Há a crise do trabalho e dos direitos sociais e seus impactos nos circuitos públicos e privados de solidariedades intergeracionais; a efetivação do idoso como sujeito de direitos, marcando a atual agenda política brasileira; a ampliação dos contatos multigeracionais numa sociedade em que se complexificam as pautas diretivas dessas interações; a possibilidade de dissociação entre velhice e aposentadoria, mediante formas mais flexíveis e individualizadas de apropriação do envelhecimento, sobretudo pelo controle de seus sinais corporais (DELGADO, 2010, p. 200).

Há um traço comum nas narrativas da geração da entrevistada que dizem respeito exatamente à relação entre velhice e aposentadoria, numa tentativa de demonstrar que a aposentadoria é uma realidade indefectível, enquanto a velhice é um processo vivido em etapas, muitas das quais a entrevistada faz questão de mostrar que ainda não chegaram, a exemplo dos limites para os esportes, para o que Lucília afirma manter a disposição e o prazer que a prática de alguns deles, como o “baleado”, lhe proporciona desde que era mais jovem. “O movimento é reputado positivamente, pois evita ou adia a realização de alguns dos mais temidos estigmas da velhice: a perda do controle corporal ou cognitivo, geradora da invalidez e da dependência, bem como a solidão, a exclusão social” (DELGADO, 2010, p.202).

De igual modo, é curiosa a referência que a entrevistada faz acerca da vida no interior e a segurança que o convívio entre pessoas conhecidas, numa dinâmica espacial que domina com autonomia a faz atribuir qualidade a seu cotidiano e, a contrário sensu, a sensação de perigo que a cidade grande produz. A passagem pela cidade grande que durante tanto tempo esteve sob controle, agora somente faz sentido numa ambiência de diversão coletiva comum às excursões.

IV – Considerações derradeiras

Somente a classe, categoria sobredeterminante, refere-se apenas ao social, mas não deixa de ser um coletivo – teórico, político e da prática, que se corporifica em homens e mulheres de diferentes idades e raças.

⁷ Motta (1999, p.193) lembra que essas categorias relacionais mais determinantes, e analiticamente valiosas, referem-se quase todas ao biossocial: o sexo, a idade e a cor estão inscritos no corpo e na cultura como gênero, geração e etnia.

“Agora, entre o meu ser e o ser alheio, a linha da fronteira se rompeu. A memória é uma ilha de edição”.⁸

Reservei para este momento uma reflexão acerca do processo produtivo da ciência, a partir do uso de métodos que valorizem o sujeito situado, a voz das mulheres e a riqueza de fontes a que tradicionalmente as epistemologias mais positivistas atribuem menos valia.

A história oral, produto e ferramenta a um só tempo desse trabalho, possibilitou a descoberta da potência das vidas de mulheres tão incríveis quanto as três Marias do Carmo. Situada que estive e estou nessa condição de pesquisadora, bisneta, neta e filha, as narrativas de minha mãe Lucília atestam o quanto sou uma feminista forjada a partir das memórias que ela tão gentilmente dividiu comigo e que pude aqui compartilhar com tantas outras pessoas.

Não houve nessa experiência nenhuma pretensão de produzir novas hipóteses, mas comprovar que as opções adotadas por epistemologias sociais menos ortodoxas, podem permitir que a história de mulheres aparentemente tão simples façam da pesquisa de minhas origens a origem de tantas descobertas.

Escrever sobre as memórias que minha mãe guarda significou também a passagem de uma missão familiar, deixei a condição de ouvinte, à condição de narradora complementando os achados que me percebi como guardiã. Nesse sentido, sinto-me honrada por contribuir não apenas para guardar as memórias das mulheres de minha família, mas por fazê-las ganhar o espaço público e possibilitar que o registro desse discurso repare suas ausências da história da Bahia contada até aqui.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. “Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica”. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n.14, p.79-95, set. 2003

AMARAL, Osiel. **A História de Sento Sé**. Em <http://www.sentoseagora.com.br/p/historia-de-sento-se.html>, visualizado em 14 de outubro de 2017.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. “Memória e Família”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, pp.29-42

_____. “Memória, Experiência e Narrativa”. **Illuminuras**, Porto Alegre, v.12.29, p.4-17, jul./dez.2011

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado**. Porto: Afrontamento, 1979

DEBERT, Guita Grin. “Gênero Envelhecimento”. **Estudos Feministas**, n.1/94, p.33-51

DELGADO, Josimara. “Velhice, Corpo e Narrativa”. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n.34, p.189-212, jul/dez.2010

HALBWASCHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. “Memórias de ‘Histórias Femininas, Memórias e Experiências’”. **Cadernos Pagu** (8/9)1997: pp.343-354

MOTTA, Alda Britto da. “As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento”. **Cadernos Pagu** (13)1999:pp.191-221

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007

POLLAK, Michel. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15

SALOMÃO, Waly. **Algaravias: câmara de ecos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007

SOUZA, Lucília Maria do Carmo. Campo Formoso (BA), **Entrevista realizada em outubro de 2017**. Gravada por Ana Carolina Sousa Lima, transcrita e organizada por Firmiane Venâncio do Carmo Souza

SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. “História oral, memórias e campesinato negro/mestiço na Bahia pós-abolição”. **História Oral**, v.16, n.2, p.55-71, jul./dez.2013

TEDESCHI, Losandro. “Limites de gênero, limites do mundo: memórias de mulheres agricultoras e a luta por direitos sociais”. **História Oral**, v.12, n.1-2, p.177-206, jan.-dez. 2009.

⁸ Trecho do poema *Câmara de ecos* de Waly Salomão.